



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

O gigante que censura a desmedida **A *hybris* do Adamastor camoniano**

*Cleber Vinicius do Amaral Felipe**

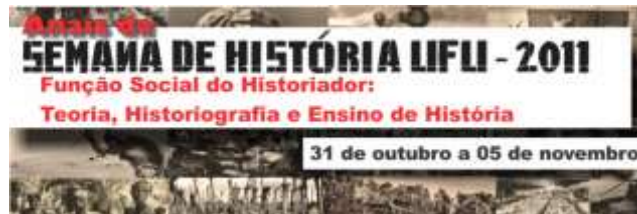
Resumo: Quem é (ou o que é) o gigante Adamastor e o que ele representa na obra camoniana? É uma figura de ornato? Uma alegoria conveniente aos propósitos desta poesia? Enfim, qual é o *lugar* que esta personagem ocupa no plano da epopeia? Nosso objetivo é responder a estas indagações levando em consideração a relação entre História e Retórica, divulgando uma maneira verossímil de ler os enunciados épicos.

Palavras-chave: Camões. *Os Lusíadas*. Adamastor. História. Retórica.

Na sua obra *Epic and Empire*, David Quint, no capítulo terceiro, propõe-se a considerar como os inimigos “derrotados” são retratados na matéria épica edificada pela escrita dos “vencedores” e analisa um lugar comum muito recorrente em textos épicos: a tópica da maldição épica erigida pelos “derrotados”, através da qual se recobra um caráter de resistência à empresa triunfal que o épico associa aos “vencedores” (QUINT, 1992: 11). Uma das hipóteses do autor, mencionada na introdução, é a de que os “derrotados”, à revelia de suas vozes ou ações, nascem derrotados e, por isso, deverão se submeter continuamente ao destino trágico que lhes é cabido. O capítulo principia lançando duas perguntas de ordem mais geral: o que os “perdedores” têm a dizer sobre sua função? Como é encenada esta faceta da história? (QUINT, 1992: 99)

Ao tratar das personagens sobrenaturais desenvolvidas como peças alegóricas, Quint nos remete a um catálogo de *tipos* (“*catalogue of types*”) mobilizados na definição do “outro”. Este aspecto se ajusta ao propósito deste trabalho, que igualmente lida com um catálogo de *tipos* diversificados, entendidos ou não como prudentes. Dentre as análises sistematizadas por David Quint, encontra-se um tópico sobre o lugar conferido à figura do Gigante Adamastor na

* Graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em História da mesma universidade, sob orientação do prof. Dr. Guilherme Amaral Luz. Agradecemos à bolsa de mestrado concedida pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior).



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

poesia camoniana (QUINT, 1992: 99). Após uma breve introdução a resumir o episódio em questão, Quint nos recorda que um dos pressupostos adotados pelo poeta “moderno” é promover a *invenção* poética sem se desvencilhar da matéria histórica. Em seguida, discorrendo sobre o artifício da *emulação*, o autor alude para uma possível aproximação entre Adamastor e o ciclope Polifemo, indicando várias similitudes descritivas adotadas tanto por Homero quanto por Camões. Quando à descrição da figura do gigante camoniano e de seu “passado”, Quint afirma que existem lugares comuns presentes também na obra *Metamorfoses*, de Ovídio, e em écloas atribuídas a Virgílio. Conclui, assim, que Camões combinou toda uma sorte de representações clássicas de Polifemo para esboçar a figura de Adamastor. O autor chega a considerar, inclusive, uma possível conotação entre a atitude de Dido, personagem da épica de Virgílio, e Adamastor, sobretudo no que se refere às imprecações vaticinais de ambos, provavelmente dirigidas não aos heróis épicos, mas sim aos seus sucessores.

É muito apropriado o paralelo entre Adamastor e Polifemo, não apenas devido aos aspectos destacados por David Quint, mas também em razão de outras analogias possíveis de serem feitas, quando nos atentamos para a emulação camoniana da *Eneida*. No terceiro livro desta epopeia, Enéias desembarca na terra dos Ciclopes e encontra um dos antigos companheiros de Ulisses, de nome Aquemênides, filho de *Adamasto* (VIRGÍLIO, 2004: 97). Também neste livro, o grego acima referido narra os infortúnios de Ulisses e de seus homens (entre os quais ele se inclui) perante a figura assombrosa de Polifemo, “*monstro horrendo, disforme, desmedido*” (VIRGÍLIO, 2004: 98). Se voltarmos à descrição de Adamastor como figura “robusta”, “disforme”, de “grandíssima estatura”, aludida no início deste tópico, notaremos a aproximação entre os termos utilizados. Não é curioso que a personagem camoniana, cuja descrição remonta, em vários aspectos, à estatura do ciclope homérico/virgiliano, apresente o nome de um grego referenciado justamente no momento em que Enéias é alertado/prevenido sobre a história do ciclope Polifemo?

Em Ovídio, as descrições de Polifemo de fato assemelham-se ao perfil de Adamastor. De acordo com a ninfa Galatéia, o ciclope apresentava um “rosto feio” e hábitos horrendos, como se barbear com uma foice e se pentear com um ancinho. Quando devotou seu amor à ninfa, abandonou o seu instinto assassino. Na canção de Polifemo descrita por Ovídio, a

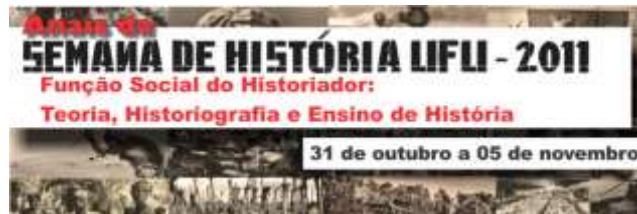


V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

personagem tece um elogio à amada, pintando também sua conduta áspera que impedia o romance de ambos e, por fim, enumera tudo aquilo que pode oferecer à Galatéia, chegando a louvar até mesmo o seu aspecto: “veja como sou grande”, exclama com orgulho. Como fez também na *Odisséia*, Polifemo se vangloria alegando a suposta inferioridade de Júpiter, que provavelmente não o excederia em tamanho e força. O ciclope alega, por fim, que a ninfa ganharia também um sogro portentoso: Poseidon, responsável pela tempestade arremessada contra a embarcação de Ulisses na *Odisséia*. Como se já não bastasse, Ovídio retrata, ainda, a voz “forte e terrível” do grotesco Polifemo, quando ele “ruge de raiva” e ataca o pretendente de Galatéia, Acis (OVÍDIO, 2003: 277-280). Em Ovídio e em Camões, utiliza-se a éfrase referente tanto aos efeitos visuais quanto aos efeitos sonoros.

É conveniente que deixemos de lado, por agora, as possibilidades de analogia e de emulação que este episódio poderia sustentar, pois são numerosas, ainda que esclarecedoras. Não nos estranharia, por exemplo, que a transformação de Adamastor em um rochedo como punição pelas suas transgressões se equiparasse à transformação de Atlas em um rochedo, devido à investida de Perseu que, em posse da cabeça da Medusa, pune o titã pela falta de hospitalidade e pelo desprezo perante suas glórias e a glória de seu pai, Júpiter (OVÍDIO, 2003: 89-90). O episódio era conhecido por Camões, que se refere a ele na última estância de sua epopeia (CAMÕES, 2008: 325).

Quint afirma que é necessário retomar outros episódios que precedem a aparição do Adamastor para que se possa interpretá-lo adequadamente, premissa esta que se ajusta à concepção aristotélica da obra enquanto *organismo* a manter suas partes em harmonia. O primeiro episódio retomado, apresentado também no canto V a partir da estância 19, versa sobre uma “tromba marítima”, fenômeno relacionado a uma massa de vapor d’água erguida em coluna e alimentada por ventos ciclônicos, geralmente em climas bravios propensos à ocorrência de tempestades. Eventos deste gênero colocam em risco a vida de navegantes, e Vasco da Gama afirma ter presenciado um de largas proporções. Um dos elementos que leva David Quint a relacionar ambos os episódios é a descrição mais ou menos harmônica que eles operam. Neste caso, o gigante poderia representar fatores ligados à natureza, o que seria bem apropriado, uma vez que ele próprio personifica o Cabo das Tormentas (QUINT, 1992: 15).



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Outra explicação não menos instigante justapõe o episódio do gigante e outro, anunciado a partir da estância 24 do mesmo canto. Os nautas desembarcam na ilha de Santa Helena e se deparam com um “estranho” de “pele preta”, que foi logo capturado pelos lusitanos, passagem que retomamos ainda na introdução deste trabalho. Mais uma vez, David Quint sugere a prática da emulação, sendo Veloso, no caso, um Odisseu, curioso em saber sobre os costumes do “outro”. Até mesmo a retirada perante a inesperada investida dos “nativos” pode sugerir a fuga às pressas de Ulisses, quando o herói e seis de seus companheiros conseguem se livrar de Polifemo. Camões, de acordo com Quint, teria chamado a nossa atenção através da referência, presente na estância 28, de que os nativos seriam mais selvagens que o próprio Polifemo. No caso, seria então Adamastor o representante dos nativos africanos a colocar freio no avanço português em sua empresa colonizadora. Como bem lembra Quint, o nome Adamastor significa “*the untamed one*”, o que poderia ser traduzido como “o selvagem” ou “o indomável”.

O Gigante Adamastor seria, portanto, uma figura a representar a resistência natural e humana à trajetória imperial portuguesa. David Quint afirma que a fábula épica consegue, assim, transmitir um mito clássico para o mundo moderno não sem submetê-lo a uma racionalização devida. Desta forma, Camões se vale dos costumes presentes na tradição épica. Este aspecto tende a afirmar uma poderosa “arma ideológica”, travestida de um arsenal alegórico que não é prejudicial a ela, muito pelo contrário. Por outro lado, o gigante incorpora também a fúria indicada no seu antigo nome: Cabo das Tormentas. O autor lança uma hipótese: se a relação entre Polifemo e Poseidon poderia sugerir uma afinidade entre os nativos “bárbaros” e os elementos naturais, a figura de Adamastor inextricavelmente confunde ambos os aspectos, dando margem a uma encenação da resistência natural e nativa ao trajeto lusitano. O que se sugere, então, é que, se Adamastor pode ser relacionado à narrativa dos perdedores e rivalizar com a versão dos vencedores portugueses, os eventos que ele prediz não são mais conectados aos rumos da narrativa do que as tempestades, igualmente acidentais (QUINT, 1992: 118).

Neste caso, a sugestão de que as tempestades ocorrem para punir as transgressões dos portugueses seria equívoca, uma vez que são fenômenos naturais, impessoais, desmotivados. O nativo seria, então, uma versão em miniatura do gigante Adamastor a impedir que os



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

portugueses desfilassem suas ousadias, descobrindo novas terras e difundindo seus costumes. Conclui David Quint que os nativos, apresentados como bestiais e indispostos por natureza, são muito bem representados pelo gigante que, num passado longínquo, mostrou-se igualmente feroz e de ânimo tempestuoso. Neste sentido, a sucessão de tempestades que ameaçam os nautas seria natural, sem direcionamento preciso, tal como a fúria que movia os nativos. O autor sugere que a disposição do poema não é nem um pouco casual, motivo pelo qual, logo no canto II, Júpiter anuncia com ares de profecia a vitória dos portugueses e, nos dois últimos cantos, se dá a consumação da vitória lusitana através da fama e glória simbolizadas na ilha dos amores. É sugestivo o fato de o episódio do gigante integrar a metade da obra e de ser sucedido pela tempestade que ele supostamente vaticina. No momento da tempestade, anunciada no sexto canto, ainda existe o perigo de concretização das profecias que tomaram forma na fala de Adamastor.

A presença de Adamastor é menos uma profecia de maus agouros a acometer Gama, e mais uma questão de meios convenientes à narrativa. Meios dispostos mais ou menos na metade da obra, o que não define um ponto final a encerrar o desfecho da jornada épica. Seria, no caso, um momento de reafirmação dos princípios que tangem a narrativa, ou seja, é na própria trama teleológica a compor o poema que os “perdedores” vêm dar corpo a abordagens repetitivas a tolherem a linearidade de uma empresa épica. A ira de Adamastor, bem como a fúria dos “nativos”, é impotente. É conveniente, portanto, a sugestão de David Quint presente no desfecho de seu texto: a de que Adamastor pudesse ser a personificação das próprias ousadias desfiladas pelos portugueses; que, de fato, os modernos queriam se firmar perante a imagem dos clássicos, logo, superar os limites então cristalizados (QUINT, 1992: 121). Este espelhamento, no caso, remeteria tanto ao orgulho nutrido pelos portugueses perante tal empresa quanto ao temor diante do desconhecido. Isto pode indicar o provável sucesso de tal empresa, que remonta à velha lógica da gigantomaquia (FERRY, 2009: 8-86), na qual os gigantes desafiaram os deuses: a diferença, no caso, é que os gigantes, desafiados, perderam frente aos deuses, desafiados. N’*Os Lusíadas*, portanto, modernos vencem antigos (QUINT, 1992: 123).

A figura de Adamastor pode, através da amplificação, engrandecer as ações portuguesas acentuando o porte das ousadias desfiladas. Mesmo as tempestades, sendo



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

naturais, facilitaram a trajetória lusa, fator que contradiz as asseverações premonitórias do gigante. A representação épica, no caso, remontaria a uma noção de “ideologia” vinculada ao discurso dos “vencedores”, o que sugere, então, que Adamastor seja mesmo o espelhamento das ousadias desfiladas, e não a personificação da derrota. Talvez a narrativa reitere, de fato, uma faceta vaidosa da empresa ultramarina, mas as censuras a ela ficam em aberto, restando aos protagonistas, “homens-fronteira”, um ato inaugural a definir o exercício da alteridade, e não da desmesura ou do excesso.

É no dilema de uma história exemplar de caráter providencialista que se coloca o Adamastor. Lugar comum, o gigante é fruto dos costumes do gênero épico, mas não uma leitura fidedigna às elaborações do passado. O passado, no caso, detém o inventário das convenções retórico-poéticas. No entanto, os exemplos de outrora são retomados não para imitação servil, mas para efetivação da emulação. Exemplar, no caso, é o passado recente de Vasco da Gama. Este sim contém elementos que procuram redimensionar as prioridades do presente. A obra *Os Lusíadas* fora editada um pouco antes da União Ibérica e a consequente perda de autonomia política do Império Português. Descrever os nativos amparando-se em analogias do passado demonstra não uma apreciação cega das ocorrências registradas, mas depreciação que justifica a intervenção dos não-bárbaros. A emergência da ação adequada inaugura a necessidade de um futuro remodelado conforme os desígnios providenciais.

A figura do gigante é oportuna porque embaralha as temporalidades: suas previsões não passam de memórias para o leitor d’*Os Lusíadas*. Seu passado fabuloso, que fundamenta a alegoria camoniana, termina por personificar o cabo tormentório, artifício natural que dificultou a empresa colonizadora. Um mito (com raízes certamente homéricas, a partir da figura de Polifemo) que encerra um obstáculo natural. Ao mesmo tempo, com seus vaticínios e lembranças fabulosas, o gigante instrui Gama no seu presente, sendo o herói aquele a principiar a empresa colonizadora e inaugurar rotas até então desconhecidas. Passado fabuloso manchado de *hybris*; presente incerto, que justapõe o fabuloso e o familiar, traçando um inventário calcado na alteridade; futuro ao mesmo tempo trágico (marcado pelo destino infausto de nautas portugueses) e glorioso (devido à possibilidade de a empresa de Vasco da Gama inaugurar uma “Idade de Ouro”). O futuro que Adamastor adianta aos nautas, para o leitor é passado. No entanto, o futuro do leitor é ainda incerto, mas possível de ser



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

devidamente trilhado caso os exemplos de Gama e de seus pares sejam seguidos. O destino infausto do gigante orienta Gama, e o destino vitorioso do navegante lusitano ilumina uma dimensão exemplar para o futuro.

Há, no mínimo, duas posturas que nos é possível refutar: a de que os relatos comprovariam um suposto acontecimento como sendo “real”, a ponto de renovar os contornos de uma poesia que o mencione; e a de que Adamastor é “inútil” e “ocioso”, um mero adorno da epopeia: além de figura de elocução, ele também é um juiz resoluto que intenta abolir os crimes movidos pela vaidade, ou seja, ele se coloca como entrave frente às empresas mesquinhas e frágeis de propósitos, e abre alas à armada nutrida de finalidades retas. Não é o caso de acelerar ou desacelerar a empresa, que segue um ritmo próprio: trata-se de instruir não apenas os nautas como também os leitores, sobre as possibilidades verossímeis de se concluir a missão portuguesa.

Adamastor é personagem trágica, que conheceu os castigos devidos aos transgressores. O gigante, transformado em rochedo feito Atlante, cumpre sua pena eterna feito Prometeu, chora suas angústias em exílio feito Édipo. É a narrativa de um gigante “experimentado” que interpela a armada portuguesa. Ele não é “Ninguém”, artifício adotado por Ulisses contra a investida maliciosa de Polifemo, mas “Alguém” que, outrora, desejou avidamente o domínio dos mares a ponto de desafiar e enfrentar os deuses olímpicos. A conduta de Gama ampara-se, sobretudo, no respeito, na preeminência. Ele é um instrumento, sua empresa é um investimento da Coroa portuguesa, e seus atos seguem as pegadas da Providência. Fica, em aberto, a pergunta: quem melhor do que o desventurado Adamastor para censurar a cobiça e ensinar a partir de seus próprios erros?

O Gigante Adamastor, assim como o Velho do Restelo, censura a desmedida. É possível perceber, em boa parte do poema camoniano, a coexistência – nada pacífica – entre o excesso e a justa medida (característica fundamental que caracteriza a mitologia da Idade de Ferro). A própria empresa liderada por Vasco da Gama é um retrato do excesso, na medida em que ultrapassa limites e fronteiras. O velho chega a citar os feitos de Prometeu e Faetonte, para ilustrar os excessos perenizados pela mitologia. No entanto, a *hybris* à qual se submetem estas personagens mitológicas é similar à desmedida denunciada no decorrer da epopeia de Camões? É evidente que não. Revestir as fábulas católicas de elementos mitológicos não



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

significa tornar um conteúdo similar ao outro. O que chamamos de *hybris* moderna, assim, pode muito bem basear-se numa releitura da *hybris* grega ou dos preceitos que a determinam, mas para retratar novas preocupações, novas transgressões, enfim, novas medidas.

Referências bibliográficas

CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

CAMÕES, L. *Os Lusíadas* / edição antológica, comentada e comparada com *Ilíada*, *Odisséia* e *Eneida* por Hennio Morgan Birchal. São Paulo: Landy Editora, 2005.

FERRY, L. *A sabedoria dos mitos gregos: aprender a viver II*. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Vera Lucia Leitão Magyar. São Paulo: Madras, 2003.

QUINT, D. *Epic and Empire: politics and generic form from Virgil to Milton*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

VIRGÍLIO. *Eneida de Virgílio*. Tradução de José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004.